



Ad infinitum

Rafael Arrais



Amostra
Grátis



Ad infinitum

por Rafael Arrais

Quatro personagens.
Um diálogo sobre o Tudo.



livro impresso



PDF



Kindle

à venda em:



amazon.com.br

Amostra grátis

Esta é uma amostra das primeiras 25 páginas do livro “Ad infinitum”, e pode ser distribuída e refletida adiante à vontade.

Livro impresso e PDF à venda em:

clubedeautores.com.br/book/139681-Ad_infinity

Versão para Amazon Kindle à venda em:

amazon.com.br/Ad-infinity-ebook/dp/B00BCTDVOA/

Ad infinitum

amostra grátis

Sumário

Prefácio	pág. 5
Cap. 1: Conversas no jardim	pág. 7
Cap. 2: Alguém constrói a Deus na penumbra	pág. 14
Cap. 3: Eu quero Te conhecer, desconhecido	N/A
Cap. 4: Bendito seja o mesmo sol de outras terras	N/A
Cap. 5: Em vida após vida, idade após idade, sempre	N/A
Cap. 6: Vossos filhos não são vossos filhos	N/A
Cap. 7: Diz sempre “Um” com toda a alma	N/A
Epílogo	N/A
Notas	N/A
Sugestões de estudo	N/A

Todo conteúdo é de autoria de Rafael Arrais (exceto as citações de outros livros e os poemas ao final de certos capítulos).

Para conhecer sua obra completa, visite o seu blog:
textosparareflexao.blogspot.com

Design e diagramação: Ayon
Composto com Electra LH e Century Gothic
Copyright © 2013 por Rafael Arrais (amostra grátis)
Todos os direitos reservados

Prefácio

A ideia para essa obra surgiu há alguns anos na minha mente, e desde então tem sempre encontrado um meio de me perturbar, no bom sentido, para que saia dela e se irradie no mundo externo. Analisando agora que finalmente comecei, tenho a distinta impressão de estar começando na hora certa, depois de adquirir o conhecimento que julgava suficiente para escrevê-la, e sem a obsessão perfeccionista de trazê-los uma obra que encerre seus assuntos nos mínimos detalhes: para isso precisaria talvez de inúmeras vidas.

Isso porque pretendo falar do infinito da existência. De Deus, do universo, da evolução das espécies na Terra, de religião, de ciência, de filosofia, de fé, de ceticismo, etc. – certamente não será uma tarefa simples.

Para me auxiliar nessa tarefa, convidei quatro personagens. Eles discutirão acerca dessas coisas, cada qual com sua opinião, crença (ou descrença), sabedoria e conhecimento. Não se trata de um debate que precise ter um ganhador. Trata-se, antes de mais nada, de um olhar sobre o infinito da existência, onde cada personagem contribuirá a sua maneira para um panorama geral, universalista [1; ver notas na pág. N/A], de tais questões.

A obra inicia-se com a descrição do lugar onde ocorrerá à discussão, a seguir serão então apresentados os personagens. Apesar deles representarem de forma bem geral às opiniões que julguei mais pertinentes ao assunto, devo admitir que eu, o autor, sou espiritualista [2], embora não nutra nenhum tipo de antipatia em especial para com o ateísmo ou o materialismo (de fato, uma das razões do universalismo nessa obra pretender abarcar todos, incluindo os descrentes).

Certamente a obra não tem a pretensão de pertencer a classificações específicas; Não pode ser doutrina, ou parte de alguma doutrina, porque trata de diversas doutrinas (algumas delas antagônicas em muitos pontos). Não pode ser divulgação científica porque não sou cientista (apesar de procurar me informar ao máximo da ciência atual). Não pode ser drama ou romance porque não se trata de nenhuma descrição de eventos específicos, e sim apenas de um debate – portanto deveria ser classificada apenas como uma obra de ficção, qualquer especificação além desta será objetivamente inconclusiva e, a meu ver, inútil. No entanto, se for excessivamente necessária à classificação, que a classifiquem como filosofia espiritualista.

Finalmente, a escolha do título “Ad infinitum” (até o infinito) não tem a intenção de tornar a obra mais atraente aos ditos eruditos. Em realidade apenas gosto da expressão, pois ela ao mesmo tempo nos remete ao conceito de infinito e de uma longa jornada em sua direção, além de se tratar de uma expressão muito utilizada em tratados matemáticos e científicos. Por isso a escolha, aqui também, universalista.

1. Conversas no jardim

Um jardim público

Fora discutido previamente o melhor local para essa distinta conversa. Após ser constatado o consenso geral de que um jardim seria um local mais propício, onde todos encontrariam paz e serenidade sob a natureza, ficou também acertado que o jardim deveria ser público, para que qualquer outro personagem que se interesse eventualmente pelo debate possa aparecer e dar alguma contribuição.

Havia dois jardins na cidade, mas apenas um deles era público. Era chamado de Parque do Pórtico, pois tinha uma distinta colunata circular, semelhante aquelas da Grécia antiga, mais ou menos na área central. Servia apenas de enfeite, mas parecia um local propício, e de fato foi o escolhido.

Os personagens se apresentam

(Sofia) Bem, vejo que fui à única mulher convidada, permitem que eu me apresente primeiro?

Todos estão de acordo.

(Sofia) Me chamo Sofia. Sou estudante de filosofia e história. Da filosofia aprecio a sabedoria antiga, principalmente da época de Sócrates e Epicteto, quando a razão não se limitava apenas à racionalidade, mas englobava o sentimento de arrebatamento com a divina natureza do Cosmos [1]. Mas não se preocupem, conheço também o pensamento moderno e sei bem reconhecer a importância da razão atual.

Da história da humanidade trago uma constatação e uma confissão. A constatação é a de que a história humana anda em círculos: mata-se e morre-se pelos mesmos motivos desde que a primeira tribo se formou na África. A confissão é a de que a história é avassaladora e incerta: não cabe ao homem a presunção de crer que a conhece em todos os seus mínimos detalhes; Que muitas vezes foi escrita pelos bons vencedores, e muitas vezes foi queimada pelos maus.

No mais, posso dizer que sou religiosa, mas não me atrevo a me meter com igreja alguma: para mim, Deus está em todo lugar – parta um pedaço de madeira, levanta uma pedra, e lá o encontrará [2].

(Petrius) Bem acho que posso prosseguir as apresentações. Podem me chamar de Petrius. Sou acima de tudo um homem cético: não creio sem evidências objetivas, mas tampouco descreio sem as mesmas evidências.

Sei que a ausência de evidência não é prova da ausência, mas de Deus nada posso dizer além de que sua existência ou não existência é uma questão que não pode ser hoje resolvida, e talvez nunca possa. Aprecio a admiração de Sofia pela natureza, mas não preciso mudar o seu nome: para mim, até que provem ao contrário, a natureza é apenas a natureza. Ainda que tão maravilhosa, ainda que cheia de leis elegantes e nuances que escapam aos maiores instrumentos de medição que o homem foi capaz de construir.

Folgo em saber que há mais alguém em nossa conversa que não se mete com igrejas. Nada tenho contra religiosos, mas sim contra a brutalidade com que inúmeras igrejas trataram seus opositores no

passado – principalmente os cientistas, que nada mais faziam do que buscar a Verdade através da natureza.

Não creio que a Verdade possa ser adquirida pela revelação de algum profeta ou anjo. Para mim, a Verdade só pode advir do árduo estudo da natureza e de suas leis, e não vejo como qualquer homem são possa ser contra a busca pela Verdade.

Quanto à ciência, alerta que não sou nenhum especialista. Sou jornalista e gosto de escrever sobre o que leio e estudo da divulgação científica, mas fazer equações não é comigo [3].

(Otávio) Ora, ora, esse debate promete!

Chamo-me Otávio e sou livre-pensador, acho demasiado complexo “rotular-me” com alguma outra definição, mas vamos lá [4]: sou espiritualista, mas isso não quer dizer que creio no imaterial, mas sim no material demasiado sutil para ter sido detectado pelos instrumentos que Petrius mencionou. Creio que existíamos antes de nascer e continuaremos a existir após morrermos, mas isso não significa que faço ideia exata de todos os planos de existência que nossa alma atravessa através dos tempos. Creio que a Verdade pode chegar por revelações proféticas, mas também creio que a Verdade alcançada através da ciência é muito melhor definida, e deve sempre ser levada em maior consideração. Creio que somos mesmo meros personagens a vagar por essa vida: uma vida de inúmeras vidas em direção ao infinito. Creio no caminho espiritual e oculto da consciência de Deus; mas embora concorde com Petrius de que essa é uma questão que hoje não pode ser resolvida, nada me leva a crer que não possa ser *algum dia*.

Costumo dizer que minha religião é meu pensamento, embora reconheça a importância de certas doutrinas e mesmo certas igrejas, nada pode refrear meu pensamento. Ele é livre, eu sou livre; e livres são todos os seres que creem que dependem apenas de si próprios para evoluir.

Quanto ao resto, sou ilustrador e escritor, e embora não seja rico, também não sou pobre... Certamente há muito mais a dizer, mas

deixemos que nossa conversa nos revele lentamente, como a casca de uma fruta que desejamos saborear lentamente.

(Ismael) Que bom que tenha ficado por último, afinal: os últimos serão os primeiros. Meu nome é Ismael e sou psicólogo. Para mim, o fato de que a ciência observou a todo o universo, mas falha em demonstrar do que é formada a consciência e os pensamentos, denota a sua inferioridade em relação à fé religiosa.

Deus é o supremo criador do universo. Há mistérios divinos que não podem ser concebidos pela lógica fria das equações: há o amor, há o sacrifício, há o êxtase de se estar em comunhão com Deus.

Creio nos ensinamentos dos profetas e não posso senão reconhecer que a Verdade advém deles. Mas não sou cego, sei que às igrejas tem errado e sempre erraram. Mas isso é culpa do homem e não de Deus: o texto sagrado é a Verdade, mas isso não significa que tenhamos condições de compreendê-la por completo.

As apresentações encerram-se e Petrius faz um alerta:

(Petrius) Esperem aí, não vamos discutir sobre tudo o que pretendemos discutir munidos de manuais da Verdade Absoluta, ou vamos? Se for este o caso, eu me retiro desde já!

(Ismael) A Verdade está no coração de quem a compreende.

(Petrius) Ótimo, mas quem julga o que é a Verdade? A realidade ou o seu manual?

(Ismael) Ambos, o meu “manual” fala da realidade. Mas talvez uma realidade que você não compreenda.

(Petrius) Pois eu voto para que não utilizemos raciocínios falaciosos [5] em nossa discussão, assim evitemos delongas inúteis que não nos levarão a lugar algum.

Antes que Ismael possa responder, Otávio os interrompe.

(Otávio) Senhores, e senhora: acho que é hora de votarmos em um mediador para nosso debate, assim como em regras básicas de conduta.

Todos estão de acordo.

Algumas regras são estabelecidas

(Otávio) Primeiramente, voto para que Sofia seja a mediadora. Ela é a mais jovem e decerto a mais bela, e apesar de isso não ser exatamente motivo para tornar alguém mediador, acredito que todos concordem de qualquer jeito?

Petrius e Ismael estão de acordo. Sofia não.

(Sofia) Bem, eu não acho que deva aceitar o “cargo” devido ao machismo de vocês.

(Otávio) Então aceite porque você é a única aqui que não teremos a coragem de bater. Um mediador que não pode ser agredido é um bom mediador.

(Sofia) A sua lógica me escapa, mas que seja: eu aceito.

(Petrius) Seremos mediados pela sabedoria [6], faz sentido.

(Ismael) De acordo, que Deus lhe abençoe.

(Otávio) Segundo, voto para que não nos utilizemos de nenhum livro, sagrado ou não, nem da memória de nenhum homem ou

profeta, para definir a validade de nossos argumentos. Ou seja: os argumentos serão válidos por sua lógica e não por sua procedência.

Petrius e Sofia estão de acordo. Ismael faz um adendo.

(Ismael) Concordo, mas somente com a condição de que igualmente não nos utilizemos de nenhuma teoria científica como Verdade Absoluta.

(Petrius) Meu caro, não se preocupe: eu não sou incoerente. A própria ciência admite que não lida com verdades absolutas, e que pode e deve estar errada em muitos pontos. Mas ela se autocorrige.

Além disso, sei muito bem que a ciência trata do Mecanismo da natureza, e não de seu Sentido. Observa e cataloga os elementos, como a eletricidade de um relâmpago, mas não pretende conceber o Sentido deles existirem.

(Ismael) Ótimo, então estou de acordo.

(Otávio) Terceiro, voto para que evitemos ao máximo o preconceito, e analisemos sempre a coerência lógica dos argumentos, teorias e doutrinas apresentados, ainda que nos pareça um grande absurdo. Ou seja: se eu falar em almas que podem existir fora do corpo, não taxem qualquer teoria que lhes trouxer como absurda *a priori* – esperem eu desenvolver a questão antes de desistirem dela. O mesmo valendo para qualquer exemplo parecido com esse.

(Petrius) Não se preocupe, eu não sou um pseudocético que gosta de fazer chacota de qualquer teoria que use certos conceitos chave como “alma”, “espírito”, “extraterrestre”, “anjo”, etc. No entanto, me resguardo o direito de apenas considerar real o que traz evidência objetiva. No campo da imaginação, entretanto, tudo é válido.

Todos estão de acordo.

(Otávio) E finalmente, voto para que qualquer ataque pessoal ou argumento *ad hominem* seja censurado pela mediadora. Não somente pela parte de quem é ofendido, mas principalmente pela de quem ofende: afinal, estará apenas expondo sua própria falta de argumentos para defender sua opinião, e expondo-se gratuitamente ao ridículo.

(Sofia) Essa é uma função que terei enorme prazer em exercer.

Todos estão de acordo.

(Otávio) Acho que só isso está bom. Não precisamos escrever aqui um código de conduta detalhado, pois todos aqui somos suficientemente adultos. Que se inicie o debate... Com a palavra a nossa mediadora!

2. Alguém constrói a Deus na penumbra

Do problema da existência

(Sofia) Desculpem-me, mas antes de vir a esse debate eu estava pensando em uma forma de construí-lo dentro de um formato lógico e compreensível a todos, visto que tratará de tantos assuntos complexos e diversos – Por isso na verdade achei fortuita a escolha de vocês em me aceitar como mediadora.

Estive então pensando em uma única palavra cujo conceito englobasse tudo o que iremos aqui discutir. E foi a palavra “existência” que acabou sobressaindo sobre todas as outras; ou seja: debateremos acerca da existência, ou do problema da existência, antes de mais nada.

Portanto achei sensato iniciarmos exatamente neste assunto, alguém discorda?

Todos estão de acordo.

(Sofia) Outra coisa que me veio à mente é que deveríamos seguir uma sequência lógica de assuntos. Pareceu-me que a sequência cronológica seria a mais acertada: do início do Cosmos até as questões que tratam de nossa convivência atual aqui na Terra; isto é – iniciando com assuntos globais e finalizando com assuntos específicos.

Ou, dito em outras palavras, iniciando com a criação do universo como o conhecemos, e terminando com o que o *homo sapiens* compreende acerca desse fenômeno, e de tudo o que elaborou em virtude de sua inquietação diante dele, diante do existir. Faz sentido para vocês?

Todos estão de acordo.

(Sofia) *Sorri brevemente.*

Pois bem, outra coisa que me surgiu é que muitas vezes não poderemos debater ao mesmo tempo com mais de uma pessoa. Nesse caso, sugiro que enquanto dois de nós dialogam, os outros comentem onde achar necessário, mas tentem não romper com o raciocínio da conversa, pelo menos até que alguma conclusão seja estabelecida.

Acho que essas regras podem se somar as que o Otávio acabou de sugerir antes de me passar à palavra...

Todos estão de acordo.

(Sofia) Então iniciemos os trabalhos. Como eu sou a mais jovem aqui, começarei pelo amigo Ismael, que aparenta ser o mais experiente.

(Ismael) São apenas os seus olhos. Deus nos dá bênçãos e não podemos saber nunca quem é mais sábio: o jovem ou o velho.

Petrius pensou em fazer um comentário, mas se conteve.

(Sofia) Me diga, amigo Ismael, porque uma fruta como a maçã, ao ficar madura e se desprender dos galhos de sua árvore mãe, a macieira, é imediatamente atraída ao solo?

(Ismael) Ora, por conta da força da gravidade. Até mesmo eu conheço a lenda acerca de como aquele distinto cientista inglês a descobriu [1].

(Sofia) Portanto a queda da maçã é um efeito, e a gravidade sua causa?

(Ismael) Certamente.

(Sofia) E qual a causa da macieira? Não seria a semente da macieira?

(Ismael) Sim, assim como a causa de toda árvore é sua semente geradora.

(Sofia) E não seria a causa da semente da macieira a evolução que ocorreu desde o surgimento da vida na Terra?

(Ismael) Correto, com a assistência divina.

(Petrius) Desculpe interromper, mas a ciência tem uma boa teoria para a evolução das espécies, com incontáveis evidências experimentais e arqueológicas, e nessa teoria não consta que a evolução necessite de uma “assistência divina”.

(Sofia) Não vamos entrar neste debate agora. Consideremos apenas os fatos lógicos de causa e efeito, ou efeito e causa, independente de uma explicação do mecanismo natural ou divino pelo qual ocorrem.

(Petrius) Ótimo, não queria mesmo entrar justamente nesse assunto agora...

(Ismael) Discutamos essa evolução da vida depois então... Mas admito que ela ocorre desde o surgimento da vida na Terra, como disse.

(Sofia) Diz-se que a vida surgiu na Terra em decorrência de certos elementos químicos que possivelmente chegaram até sua atmosfera através de asteroides que se chocaram com o planeta. Mas mesmo que os elementos já existissem na própria Terra, fato é que são a causa da vida – correto?

(Ismael) Pode-se dizer que sim, embora a ciência não explique como exatamente isso ocorreu...

(Sofia) E tais elementos, como tudo o mais no universo, são formados por pequenas partículas de matéria. Os gregos antigos chamavam-nas de átomos, mas a ciência moderna já sabe que átomos são compostos por partículas ainda menores, como os elétrons, prótons e nêutrons – que por sua vez são compostos pelos quarks, ainda menores...

Mas fato é que esses átomos minúsculos, sejam quais forem seus elementos mais primários, não podem ser vistos a olho nu e são a causa, ou os blocos formadores, de toda a matéria detectada no universo.

(Ismael) Me desculpe filha, mas o assunto está ficando muito científico, acredito que deva prosseguir com Petrius, que me parece entender de ciência muito melhor do que eu.

(Petrius) Obrigado, mas não é necessário. Ela não está falando exatamente de ciência, mas expondo uma linha lógica de causa e efeito das coisas...

(Sofia) O amigo Petrius parece já saber onde quero chegar: se tudo isso que existe no universo obedece a tal lógica de causa e efeito; e se,

como dizia o criador da química moderna – “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma” [2] – é preciso chegar à causa deste efeito. A causa de algo existir no Cosmos.

(Ismael) Ora, pensamento formidável: a causa de algo existir é porque algo foi criado. E teremos aí uma Causa Primeira, a qual eu chamo Deus, mas decerto nosso amigo Petrius chamaria de *big bang*.

(Petrius) Se é que existe um Deus, ele seria ainda o causador do *big bang*. O *big bang*, ou a teoria mais aceita na cosmologia para o surgimento do espaço-tempo, não seria esta Causa Primeira que diz, mas já um efeito dela, seja lá o que ela for é claro.

(Sofia) Pois bem amigos, eu só queria que todos chegassem conosco a conclusão de que **o Cosmos, o tudo, seja ele apenas um universo ou uma miríade infinita de universos, um multiverso, é primordialmente apenas um efeito que remonta a uma causa, ou Causa Primeira** (conc. 1) [3].

E que, se essa causa nunca tivesse existido, não haveria o Cosmos nem coisa alguma. Estão de acordo?

(Otávio) É difícil pensar nesse “lugar onde não existe coisa alguma” não?

(Sofia) É exatamente sobre ele que falarei a seguir, se quiser me acompanhe.

Otávio concorda, e todos estão de acordo com a conclusão de Sofia.

O Grande Desconhecido

(Sofia) Façamos um experimento mental extremo. Esqueçamos do tudo e também de sua Causa Primeira, e pensemos apenas no que existia antes do tudo ter sido criado. Você diria que então teríamos o nada?

(Otávio) Nada pode surgir do nada, pois o nada não possui nenhum elemento ou substância que pudesse causar o surgimento de alguma coisa. Fosse essa “coisa” uma semente de macieira, uma maçã ou todo o Cosmos...

(Sofia) Muito bem Otávio, aí está algo em que poucos pensam com maior profundidade. **O universo não pode ter surgido do nada, pois o nada a nada pode criar: não há causas nem efeitos, nem coisa alguma, no nada** (conc. 2). Todos compreendem tal conclusão e concordam [4]?

Todos estão de acordo.

(Sofia) Pois bem, então algo existia antes do tudo ser criado. O que poderíamos dizer deste “algo”? Seria uma dimensão? Um ser supremo? Uma força da natureza?

(Otávio) O problema é que não podemos conceber o que existia antes de tudo ser criado, pois estaremos sempre associando essa concepção ao que percebemos no Cosmos. Mas, como conceber algo que existia antes, “fora” do Cosmos, valendo-se de definições que são encontradas somente em nossa existência posterior, “dentro” de um Cosmos já criado [5]?

(Sofia) Concordo que se trata de um desafio à cognição mesmo do mais sábio dentre os sábios, algo realmente incognoscível, o Grande

Desconhecido... Porém, não desistamos tão facilmente do desafio posto: ainda temos nossa razão e nossa lógica, afinal de contas!

Se não podemos conceber o que existia antes do tudo, creio que podemos imaginar o que não havia, e a partir daí tentar tatear no escuro antes que fosse feita a luz.

(Otávio) *Coça a cabeça, confuso.*

O que não havia? Mas como assim?

(Petrius) Permita-me ajudar. Por exemplo: não havia diversos seres, ou havia um ou nenhum.

(Otávio) Oh sim, entendi – Pois se houvesse mais de um ser, um haveria de ter criado o outro, e assim por diante, até que chegássemos a um ser que fosse a causa de si mesmo, ou a uma causa aleatória.

(Sofia) Permita-me corrigir. Não poderia haver uma causa aleatória – uma causa aleatória é, na verdade, causa alguma... O que Petrius deve ter querido dizer é que essa Causa Primeira não necessariamente seria um ser.

(Petrius) *Sorri.*

Exato.

(Otávio) Vocês tem razão. Façamos assim: chamemos a Causa Primeira de substância e não de ser, dessa forma não precisamos atrelar o debate atual à existência ou não existência de um criador pessoal.

(Ismael) Quando chegarem a esse debate me chamem. Por enquanto deixem-me apenas acompanhando o raciocínio de vocês...

(Sofia) Ótimo, então chegamos à primeira conclusão acerca do Grande Desconhecido: que **não pode se tratar de um conjunto de**

substâncias, mas sim de uma única substância, que é a causa de si mesma (conc. 3). Todos concordam?

Todos estão de acordo.

(Sofia) O que dizemos de uma substância que, sendo a causa de si mesma, não pode ser concebida como “tendo um início”?

(Otávio) Que é eterna.

(Sofia) Da mesma forma, se é eterna em relação ao início, também se segue que é eterna em relação ao fim. Ou seja: acaso pudesse haver um fim para tal substância, enquanto o Cosmos não existisse, seria o fim antes da criação, e nada existiria. Não haveria Causa Primeira, e o Cosmos não teria sido criado.

Estou pensando com coerência lógica?

(Otávio) Sem dúvida. É decerto muito agradável observar uma mulher pensar de tal forma...

(Sofia) Então chegamos a uma segunda conclusão acerca do Grande Desconhecido: que **sua substância é eterna, não tendo início concebível, e muito menos fim** (conc. 4). Todos ainda concordam?

Todos estão de acordo.

(Sofia) Mas ainda temos coisas para resolver acerca do que havia antes do tudo. Por exemplo, também dizemos algo mais sobre o que é eterno, algo em relação ao tempo... Saberá me dizer Otávio?

(Otávio) Que é de duração infinita.

(Sofia) Isso também. Porém, não podemos conceber uma “duração” antes que o próprio tempo fosse criado. Seja o tempo enquanto dimensão do espaço-tempo, seja o tempo psicológico [6].

Dessa forma, seria mais correto dizer que tal substância não é eterna por ter duração temporal infinita, mas antes por estar completamente dissociada de qualquer concepção temporal. Deixe-me ser ainda mais clara: não podemos imaginar tal substância existindo em qualquer sequência de eventos, mesmo sendo uma sequência infinita – ela simplesmente existe fora de qualquer tempo, de qualquer sequência.

(Otávio) Além de estar fora do espaço, está fora do tempo. Faz sentido para mim.

(Sofia) E com isso chegamos a terceira e última conclusão acerca do Grande Desconhecido: que **sua substância é totalmente dissociada do tempo – seja o tempo curto, longo, ou infinito. Ela existe absolutamente fora do tempo ou qualquer tipo de sequência de eventos, imaginada ou não** (conc. 5). Concordam?

Todos estão de acordo.

(Sofia) Excelente, então podemos prosseguir.

Como criar um universo

(Sofia) Já sabemos que havia “antes do tempo” uma substância eterna, causa única de si mesma, e inteiramente dissociada de qualquer noção de tempo. No entanto, iniciamos tal discussão devido à questão da Causa Primeira do Cosmos. Portanto, devemos agora entrar na questão da criação em si...

Agradeço ao amigo Otávio por me auxiliar até aqui, mas acredito que será mais interessante debater a criação com aquele dentre nós

que não necessariamente associa-a ao ato elaborado de um ser, ou de um criador pessoal.

(Otávio) Faço minhas as suas palavras, quero ver como nosso amigo se sairá dessa!

(Petrius) Vamos ver, espero que todos compreendam que não sou incoerente: não creio sem evidências, mas também não descreio sem evidências. Além disso, sei muito bem que certas questões estarão ainda por muito tempo, talvez para sempre, longe de qualquer possibilidade de comprovação científica ou experimental. Mas concordo que através da lógica possamos, talvez quem sabe, chegar a certas evidências “transcendentais”, porém absolutamente plausíveis.

(Sofia) Não se preocupe, a dúvida nunca foi inimiga do pensar. Está pronto?

(Petrius) Pronto.

(Sofia) Diga-me, é verdade que um carpinteiro pode criar uma cadeira?

(Petrius) Sim, através de seu trabalho com a madeira, geralmente.

(Sofia) Digamos que a cadeira do carpinteiro seja feita apenas de madeira. Daí tiramos que, sem a madeira, o carpinteiro não poderia criar uma cadeira. Deixe-me ser mais clara: acaso não houvesse madeira disponível nas cercanias de seu ateliê, nem dentro dele, ele não poderia construir a cadeira.

(Petrius) Teria de procurar em outra cercania, ou esperar que alguém lhe trouxesse a madeira.

(Sofia) Pois bem, e se não houvesse mais nenhuma madeira no mundo, nem em todo o Cosmos, ele não poderia nunca mais criar uma cadeira, correto?

(Petrius) Decerto. Em realidade carpinteiros não criariam cadeiras de madeira.

(Sofia) Da mesma forma um pintor não poderia criar um quadro sem tela e tinta; um construtor não poderia criar uma casa sem tijolos; um joalheiro não poderia criar uma joia sem a matéria-prima correspondente; etc.

Chamo a isso de criação material, ou seja: é necessária alguma matéria-prima já existente para que a obra seja criada. Percebe?

(Petrius) Perfeito.

(Sofia) Porém, antes da criação do Cosmos, tudo o que havia era essa substância eterna que temos concebido pela lógica. É correto dizer que seria impossível que a Causa Primeira fosse uma criação material, no contexto acima [7]?

(Petrius) Não poderia haver nenhuma outra substância ou matéria além da substância eterna, do contrário, necessariamente uma teria sido ainda a criadora da outra. Como estamos falando da Causa Primeira, certamente a afirmativa é correta, seria impossível.

(Sofia) Então concluímos que **a Causa Primeira, por ser a primeira criação do Cosmos, não poderia depender de nenhum elemento ou matéria além da substância eterna que é causa de si mesma, e nunca foi criada** (conc. 6). Pensem bem, pois essa conclusão requer certa reflexão... Todos concordam?

Todos estão de acordo.

(Sofia) Então continuemos com a próxima reflexão, que será mais simples: diga-me Petrius, é verdade que um homem e uma mulher podem criar um outro homem ou mulher através da relação sexual?

(Petrius) De certa forma, sim.

(Sofia) Porém, não são eles quem elaboram todos os detalhes de tal criação, seguem apenas as leis biológicas da espécie humana, correto?

(Otávio) Diria o poeta: “Vossos filhos não são vossos filhos, são os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma [8]”.

(Petrius) Ou, em outras palavras menos poéticas: são o fruto da evolução da espécie.

(Sofia) Então, temos uma criação inteiramente dependente das leis biológicas da espécie humana, que chegou aonde chegou após milhões de anos de evolução; Não poderia, portanto, ser concebida tal criação em um “lugar” onde o tempo sequer existe. Faz sentido?

(Petrius) Faz todo o sentido do mundo, minha cara.

(Sofia) Então, mesmo que consideremos as diversas formas de reprodução assexuada que conhecemos na natureza, não poderemos conceber nenhuma delas ocorrendo em um “lugar” onde não houve tempo algum para a evolução que qualquer espécie. Ou seja: a reprodução biológica, sexuada ou assexuada, depende de uma evolução prévia das espécies que se reproduzem. Nem mesmo uma ameba poderia se reproduzir e criar outra ameba sem que houvesse tempo para a evolução da espécie conhecida por ameba.

(Petrius) Nenhuma forma de reprodução biológica poderia existir antes do Cosmos ser criado. Fato absolutamente lógico.

para Kindle, PC, tablets e smartphones

Ad infinitum

por Rafael Arrais

à venda: **amazon.com.br**



Esteja onde estiver no planeta Terra,
se você tem um Kindle, tablet,
smartphone ou laptop nas mãos,
agora nada lhe impede de começar a ler
“Ad infinitum” em poucos minutos...

Para comprar na Amazon.com.br, acesse:
amazon.com.br/Ad-infinitum-ebook/dp/BooBCTDVOA/

ex nihilo, nihil fit

